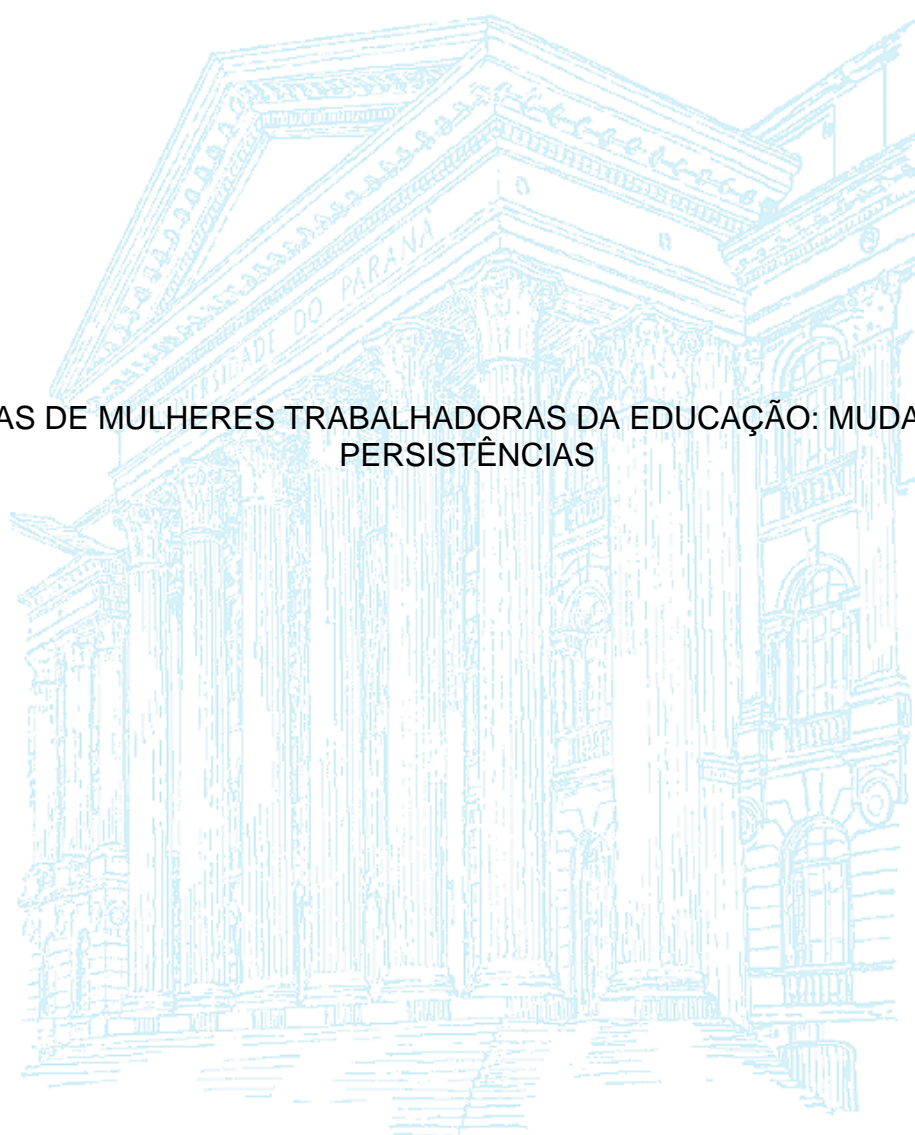


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LETÍCIA GISLAINE VIEIRA

VIVÊNCIAS DE MULHERES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO: MUDANÇAS OU  
PERSISTÊNCIAS



LAPA  
2016

LETÍCIA GISLAINE VIEIRA

VIVÊNCIAS DE MULHERES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO: MUDANÇAS OU  
PERSISTÊNCIAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Rita Estela Salino

LAPA  
2016

# VIVÊNCIAS DE MULHERES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO: MUDANÇAS OU PERSISTÊNCIAS.

LETICIA GISLAINE VIEIRA<sup>1</sup>; RITA ESTELA SALINO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professora da rede estadual de ensino, na área de Geografia. E-mail:

leticiagislainevieira@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Professora do Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola/UFPR Litoral. E-mail:

ritasalino@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo visa analisar a vivência das educadoras sobre as mudanças ou persistências no que diz respeito ao cotidiano da divisão entre família e trabalho. Apresenta-se um levantamento histórico por meio de autores e autoras referente às lutas pela igualdade de gênero e as conquistas ao longo dos últimos anos. A metodologia é de cunho qualitativo, por meio de entrevistas com oito educadoras na faixa etária entre 20 a 50 anos, do Colégio Estadual do Campo Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira com a oferta de Ensino Fundamental e Ensino Médio, com 552 alunos na cidade de Lapa. Os relatos evidenciaram que as educadoras possuem visões diferenciadas em relação à vivência do gênero por se tratar de gerações específicas. Os dados da pesquisa de campo são confrontados com aportes teóricos e com políticas públicas de gênero e que vêm sendo implantadas recentemente. Os resultados demonstram que as educadoras usufruem de certas conquistas. No entanto, reconhecem que são responsáveis por cumprir obrigações do trabalho, da maternidade e das atividades domésticas. Diante deste cenário, evidencia-se a persistência da desigualdade de gênero.

**Palavras-chave:** Educadoras; família; gênero; mudanças; persistências e trabalho

**Abstract:** This article aims to analyze the experience of the teachers about the changes or persistence with regard to the daily life of the division between family and work. It presents a historical survey by authors and authors related to struggles for gender equality and achievements over the past years. The methodology is qualitative nature, through interviews with eight teachers aged between 20 to 50

years, the State College Field Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira with the provision of primary and secondary school with 552 students in the city of Lapa. The reports showed that the teachers have different views on relationship will experience the genre because it is specific generations. The field survey data are compared with theoretical contributions and public policy and gender that have been implemented recently. The results demonstrate that the educators enjoy certain achievements. However, they recognize that they are responsible for complying with obligations of work, motherhood and domestic activities. In this scenario, it is evident the persistence of gender inequality.

**Keywords:** Educators; family; genre; changes; persistence and work

## INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda questões sobre as vivências das educadoras sobre as mudanças ou persistências no que diz respeito ao cotidiano da divisão entre família e trabalho ao longo dos anos. A pesquisa empreendeu um olhar para a vivência e a experiência das mulheres educadoras de diversas gerações e como as mesmas vislumbram a questão de gênero diante da sociedade contemporânea. Sendo que faz parte da realidade das educadoras femininas a divisão entre trabalho e família, visto que a maioria destas profissionais passa a maior parte das horas semanais no colégio em que trabalham.

Conforme SANTOS e SACRAMENTO (2011, p. 03), antigamente a mulher carregava o peso de sua sexualidade, somente podia sair de casa em raros momentos. Não tinham nem sequer direito ao voto, consideradas possuidoras de um cérebro menor e menos desenvolvido do que o dos homens. (CARRARA, 2009, 2 p.13). Para se entender como pensamentos como este fizeram parte da sociedade brasileira é necessário compreender que o contexto cultural brasileiro, sendo a sociedade baseada em características eurocêntricas, cristãs, patriarcais, machistas e com resquícios escravagistas que influenciaram e ainda influenciam as relações de gênero. Sendo estas condicionadas à superioridade masculina e nos preceitos religiosos, capaz de promover à divisão social do trabalho, as relações hierárquicas de gênero, a dominação masculina e à subordinação feminina. Sendo direcionada à

mulher a responsabilidade da maternidade, criação e educação dos filhos e os cuidados do marido e do lar. Sedes boas mães e sereis felizes e respeitadas. “Tornai-vos indispensáveis e obtereis o direito da cidadania”. (BADINTER, 1985, p. 147).

Sendo assim, somente em 1932 as mulheres tiveram o direito ao voto e 1962 as mulheres começaram a usufruir de alguns direitos por meio da Lei nº 4.121/62, chamado de estatuto da mulher casada, concediam-se poderes para as mulheres administrarem bens herdados. Um grande avanço ocorreu em 1977, com a aprovação da Lei nº 6.515, a lei do divórcio que possibilitou a dissolução do vínculo do casamento e a constituição de novas famílias.

O problema é que o Brasil é formado por um modelo de sociedade patriarcal que ainda persiste. Nos últimos anos, as mulheres aceleraram seus ritmos para dar conta de tudo que já realizavam em casa, acrescentando agora o trabalho profissional e seus estudos. É possível identificar que existe uma divisão sexual do trabalho, sendo reservado as mulheres em atividades profissionais de ensino e cuidado, como também, significativas diferenças salariais e limitados cargos de Direção. As mulheres teriam que continuar a fazer seu trabalho doméstico, adicionando-se as suas vidas afazeres reservados aos homens. (FERREIRA, 2015, p. 93,). Desta forma, fica evidente que não houve um processo igualitário devido à falta de divisão do trabalho doméstico entre o homem e a mulher.

Hirata (2010) aborda em seus estudos o levantamento histórico da teoria da divisão sexual do trabalho juntamente com a autora Daniele Kergoat, sendo o gênero enquanto “sistema que organiza a diferença entre os sexos” e defende dois princípios da divisão sexual do trabalho: a hierarquia (o trabalho masculino tem sempre um valor superior ao trabalho feminino) e a separação (o trabalho masculino é diferente do trabalho feminino).

Com o passar dos anos, as mulheres organizaram-se por meio de movimentos sociais com o propósito de mudar estas situações, formando o Movimento feminista, citado por CARVALHO (2011, p. 08), rompeu-se neste momento a condição de invisível da mulher perante a sociedade.

A partir dos anos 70 há um aumento da participação das mulheres no mercado brasileiro com má qualidade do trabalho, atividades precárias e informais. Os anos 80 começa a melhoria dos empregos, boas ocupações e acesso a

profissões de nível superior (mulheres escolarizadas), composto por mulheres mais velhas, casadas, com filhos e com atividades domésticas e familiares com sobrecarga, sendo a maternidade uma geradora de dificuldades principalmente quando os filhos são pequenos. Na década de 90 há uma redução de número de filhos e no tamanho das famílias, envelhecimento da população, maior expectativa de vida das mulheres, e conseqüentemente, maior número de viúvas e famílias chefiadas por mulheres chegando ao final do século a 26% do total de famílias brasileiras. Os valores relativos ao papel social da mulher alteram a identidade feminina cada vez mais voltada para o trabalho produtivo.

No entanto, segundo Bruschini e Puppini (2004) chama-se atenção para os “guetos femininos” que se caracteriza pela ocupação das mulheres em determinadas áreas do conhecimento: Linguística, Letras e Artes (83%), Ciências Humanas (82%), Ciências Biológicas (74%) e Ciências da Saúde (67,6%), remetendo a valorização feminina para a função cuidadora como as relacionadas à maternidade. E ressalva-se que as mulheres recebem remuneração inferior aos dos homens em relação à horas trabalhadas, a posição na ocupação e aos anos de estudo.

E por isso, a pesquisa ouvirá as educadoras de diversas gerações para entender como essas mulheres compreendem as diferenças ocorridas diante das mudanças e transformações no contexto de gênero ao longo dos últimos anos. Que segundo FALÚ (2006, p. 8) as mulheres brasileiras começam a ingressar em profissões consideradas de prestígio e a ocupar postos de comando, mudando assim seu perfil, que antes era de dona de casa.

## **OBJETIVO GERAL**

Descrever a visão das trabalhadoras da educação sobre a mulher em relação ao trabalho e família.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Averiguar a opinião das mulheres trabalhadoras da educação sobre a relação da mulher entre trabalho e família nos últimos anos;
- Compreender como é a relação das mulheres trabalhadoras da educação em relação ao seu cotidiano com o trabalho e a família.

## **METODOLOGIA**

A metodologia refere-se à pesquisa qualitativa por meio de entrevista em profundidade com perguntas abertas com oito trabalhadoras da educação do Colégio Estadual do Campo Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, na cidade de Lapa, oferta o Ensino Fundamental e Ensino Médio, na faixa etária entre 20 a 50 anos entre os dias 01/10 a 10/10/2015. As “entrevistadas 01 e 02” têm idade entre 20 e 30 anos, as “entrevistadas 03, 04 e 05” tem faixa etária entre 31 a 40 anos e para finalizar, as “entrevistadas 06, 07 e 08” possuem idade entre 41 e 50 anos para levantar dados sobre como foi a infância e adolescência em relação à condição de gênero.

Segundo MINAYO (2001, p. 06), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Após a realização das entrevistas foi realizada a análise do conteúdo. Sendo este permeado de dados que foram comparados com aportes teóricos de autores e autoras de gênero para tecer considerações importantes aos resultados da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para compreender o contexto feminino nesta pesquisa, se faz necessário entender o significado da palavra gênero sendo este complexo e compreendido de diferentes maneiras e abordagens diferentes de acordo com correntes teóricas. Para tanto, adota-se gênero com o olhar para além das condições biológicas. Os diversos estudos realizados sobre o papel da mulher perante a sociedade, o termo gênero deixa de ser algo relacionado unicamente ao sexo. Começando a ser materializada a categoria gênero, que buscava problematizar não as diferenças, mas sim as desigualdades existentes entre homens e mulheres presentes na sociedade. A partir

do momento em que o conceito de gênero afirma o caráter social dos indivíduos, faz com que cada vez mais as pessoas considerem as diferentes sociedades e os diferentes contextos históricos. O significado de gênero segundo Nishiyama, Schneider, Signorelli (2015, p. 118) começa a ser visto com novas perspectivas, dando ao sentido da palavra uma conotação mais plural e diversa.

No final do século XIX e início do século XX, as manifestações contra a discriminação feminina ficaram mais evidentes, foi nessa época que a mulher começou a existir socialmente e para si mesma (GUIMARÃES, 2009, p. 41).

Neste período de primeira onda do feminismo as mulheres reivindicavam direitos sociais e civis. Em 1960, surge a segunda onda do feminismo, onde os movimentos feministas já se encontravam em pleno processo de mudanças (NISHIYAMA, SCHNEIDER, SIGNORELLI, 2015, p. 115).

No Brasil, em 1972 surgiu na cidade de São Paulo um grupo organizado de feministas. Aos poucos temas do feminismo ocuparam fóruns nacionais de debate, como por exemplo, o realizado em Belo Horizonte em 1975. No mesmo ano, surgiu no Rio de Janeiro o Centro da Mulher Brasileira, e em São Paulo, realizou-se o encontro para Diagnostico da Mulher Paulista; surgiu o Movimento Feminino pela Anistia e foi lançado o Jornal Brasil Mulher, que circulou de 1975 a março de 1980. Entre 1976 e 1978, circulou o Nós Mulheres, e em março de 1981 é lançado o Mulherio, que foi leitura obrigatória das feministas, por mais de cinco anos. (RODRIGUES, [2006?], p. 07)

A construção social das mulheres teve grande influência em virtude da Revolução Industrial e no modo de produção capitalista. Nesta época caberiam as mulheres as atividades voltadas ao trabalho doméstico, elas deviam desenvolver comportamentos e sentimentos de sensibilidade, agir de acordo com as emoções e submissão. No processo de socialização as meninas eram educadas desde o nascimento para desenvolver características próprias que reproduzem em suas vidas pessoais, familiares e em todas as relações sociais (CARVALHO, 2015, p. 16). Sendo assim, as entrevistadas foram questionadas como quanto à infância e adolescência,

A mulher já havia conquistado seu espaço e trabalhava fora, porém a maioria ficava em casa cuidando dos filhos. (Entrevistadas 01 e 02”, entre 20 e 30 anos).



A mulher desenvolvia um trabalho do lar, tinham o dever de cuidar da casa e dos filhos, dependiam financeiramente do marido e em casos raros assumiam a dupla jornada profissional e de dona de casa. (Entrevistadas 03, 04 e 05, entre 31 e 40 anos).

A mulher era educada para casar e formar família. Em geral, as mulheres não trabalhavam e não havia necessidade de ajudar na renda familiar. (Entrevistadas 06, 07 e 08 entre 41 a 50 anos).

Diante das respostas das entrevistadas evidenciam-se as diferenças das afirmações em relação às gerações, as trabalhadoras educadoras mais velhas relatam o papel social da procriação das mulheres e as responsabilidades atribuídas ao cuidar da família. Já as entrevistadas mais jovens observam um avanço significativo para o trabalho feminino, no entanto estão comprometidas com a afirmação de que a mulher tinha a preferência de cuidar dos filhos. Bruschini e Ricoldi (2009) enfatizam que ainda a mulher é permeada pelo valor cultural do compromisso com a família. Permite-se a reflexão de que talvez não seja uma escolha e sim uma naturalização do papel da mulher na família que ainda persiste no contexto contemporâneo. As entrevistadas observam mudanças nos últimos anos em relação à questão de gênero,

Hoje em dia a mulher tem capacidade de ocupar variados cargos, não é mais submissa ao homem, são independentes, opinam e estudam. (Entrevistadas 01, 02, entre 20 e 30 anos).

Referente às respostas das entrevistadas é observado que a mulher já tem noção de sua competência para desenvolver qualquer trabalho, tem inteligência para estudar e formar sua própria opinião sobre diversos assuntos. Uma mulher torna-se plenamente humana quando tem a oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas e quando pode ser útil a sociedade. (BEAUVOIR, 1980 p. 291 apud RODRIGUES [2006?] p. 06).

A mulher trabalhar fora não é mais visto com espanto e sim com naturalidade. Que o diferente agora é a mulher abandonar tudo e se dedicar apenas ao lar. (Entrevistada 03, entre 31 e 40 anos).

Aumentou a valorização da mulher no ambiente corporativo e já acontece uma divisão das tarefas domésticas. (Entrevistada 04, entre 31 e 40 anos).

Evidencia-se a conquista no mercado de trabalho (Entrevistadas 5 e 6, entre 41 a 50 anos).

Hoje em dia as mulheres são educadas para terem uma vida mais voltada para a realização profissional e a questão de formarem uma família se tornou algo opcional. (Entrevistadas 7 e 8, entre 41 a 50 anos).

As entrevistadas reconhecem mudanças positivas nas questões de gênero promovido pelas lutas dos movimentos sociais, especificamente, o movimento feminista, sendo este fundamental para que à maioria das mulheres conquistassem direitos e o respeito, caso contrário estaríamos vivendo como no século passado, consideradas incapazes, ignorantes e sem direitos civis. Segundo Carvalho (2011, p. 08), a participação feminina nos movimentos sociais acabou com a condição de invisível diante da sociedade, tornando toda mulher legítima cidadã, possuidoras de deveres e direitos. Sobre a visão de cada uma das educadoras referente ao papel desenvolvido pela mulher em nossa sociedade atual,

A mulher ganhou espaço e é mais valorizada. (Entrevistadas 01, 02 e 03, entre 20 a 40 anos).

A mulher desempenha várias funções sociais, participando do mundo do trabalho de forma quase igualitária com os homens. (Entrevistada 04, entre 31 a 40 anos).

A mulher possui influência nas decisões importantes da sociedade e participa efetivamente para a economia doméstica. (Entrevistada 05, entre 31 a 40 anos).

Hoje a mulher é atuante em diversos setores que até poucos anos (décadas) eram monopolizadas pelos homens. (Entrevistada 06, entre 41 e 50 anos).

Hoje em dia a mulher é chefe de família, trabalha, educa e cuida da casa. Desempenhando um papel muito importante. (Entrevistadas 07 e 08, entre 41 e 50 anos).

Analisando as respostas é perceptível que na opinião das educadoras a mulher obteve muitas conquistas, porém ainda não necessariamente o suficiente para conseguir igualdade com os homens. Todo esse processo envolve a quebra de paradigmas, revisão de conceitos e novas formas de agir e pensar. Não desaparece de um momento para o outro, ideias, conceitos e valores que foram enraizados por séculos em uma sociedade. (RODRIGUES, [2006?], p. 06). Referente à divisão entre trabalho e família, a dificuldade ou a facilidade para desempenhar o papel familiar e na escola,

Possui facilidade, pois procura organizar seu tempo, se programando para dar o seu melhor em ambos. (Entrevistada 01, entre 20 e 30 anos).

Por ser solteira e morar com o pai, consegue dar conta de ambos. (Entrevistada 02, entre 20 e 30 anos).

Não há dificuldades, procura realizar o trabalho sem levar problemas para casa e que o trabalho em conjunto facilita o resultado, procura ser uma boa mãe, companheira, no trabalho uma boa educadora e compreensiva com a realidade de seus alunos. (Entrevistada 03, entre 31 e 40 anos).

Tem dificuldades, apesar de trabalhar fora, não tem ajuda nas atividades domésticas. Chega cansada e precisa ser mãe e dona de casa. Porém, tenta desempenhar um bom papel familiar e no trabalho, mas devido ao acúmulo de funções, às vezes deixa a desejar nas atividades domésticas, no cuidado com o filho e até mesmo com as atividades profissionais. (Entrevistada 04, entre 31 e 40 anos).

Tem facilidade por ter ajuda do marido, mas que muitas vezes está cansada e não consegue desempenhar um bom papel. (Entrevistada 05, entre 31 e 40 anos).

Tem facilidade, porque a mulher é versátil e sempre organiza tempo para tudo e enfrenta todas. (Entrevistada 06, entre 41 e 50 anos).

Gostaria de estar muito mais tempo com a família, pois perdem-se vivências e o tempo não volta atrás. Que não desempenha um bom papel familiar e nem no trabalho, que deixa a desejar nas duas áreas. (Entrevistada 07, entre 41 e 50 anos).

Consegue se dedicar ao trabalho e a família com facilidade, desempenhando um bom papel em ambos. (Entrevistada 08, entre 41 e 50 anos).

A independência financeira das mulheres salva vidas, começando pela delas e melhora também a sociedade, enfim, todos saem ganhando com as conquistas femininas em todos os âmbitos. NAZZARI (2002, p. 114) destaca que a mudança do papel feminino determina uma nova estruturação, pois a mulher se tornou dinâmica para o mercado de trabalho, acumulando funções domésticas e profissionais. Tendo capacidade de cuidar de ambos, podendo se realizar profissionalmente e pessoalmente, sem que nenhum aspecto seja prejudicado. (ARRUDA, 1996).

Ainda hoje em nossa sociedade não existe igualdade entre homens e mulheres, mesmo as mulheres desenvolvendo os papéis de mães, esposas, noras, profissionais e gerentes de casa. Elas desdobram-se para dar conta de tudo, o esforço é gigantesco, no entanto, muitas vezes não são reconhecidas por tamanho empenho e dedicação (FERREIRA, 2015, p. 91).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os Movimentos Feministas foram de grande importância para a vida que a mulher tem atualmente, tudo foi mudando no decorrer dos anos com muita luta e até hoje a mulher enfrenta problemas e dificuldades para mostrar sua capacidade em desenvolver todos os tipos de trabalhos.

Desse modo percebe-se que as educadoras têm consciência da importância da luta feminina para a vida que possuem hoje e valorizam cada conquista, como, o direito ao voto, de estudar, de trabalhar, de ser independente, de ter responsabilidades e a liberdade de escolha. Mesmo reconhecendo que enfrentam dificuldades na dedicação familiar e de trabalho. Na verdade esta dificuldade existe devido ao fato que há uma falsa igualdade entre homem e mulher, pois mesmo a mulher possuindo uma vida profissional ativa, quando o assunto é o trabalho doméstico, continua sendo uma atividade designada somente à mulher.

Ficou evidente também que cada uma possui uma visão diferenciada, explicada pela faixa etária/geração e pela realidade de cada uma, mesmo seguindo profissões semelhantes. As educadoras viveram épocas diferentes, isso afeta até mesmo na atuação profissional individual e na percepção que ela tem sobre a questão de gênero. No referido Colégio, existe um número bem maior de professoras, que de certa forma confirmam a desigualdade, sendo esta profissão destinada à mulher pela construção social de gênero.

O gênero está relacionado às construções sociais que permeiam a existência de ambos os sexos. O papel da mulher e do homem vão além da dimensão sexista. Cada pessoa necessita construir seu próprio caminho, independente de qualquer outro fator, sempre levando em consideração suas emoções, pensamentos, ações, afinidades e competências para o pleno exercício da liberdade para construir uma sociedade sem assimetrias de gênero. Para tanto, um olhar atento para os processos que consolidam as diferenças entre homens e mulheres e a luta contínua pela igualdade de gênero na dimensão de política públicas para todas as instituições sociais podem promover mais mudanças em relação ao gênero.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARRUDA, M. C. C. de **Relação empresa-família: o papel da mulher**. 1996. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v36n3/a02v36n3.pdf>> Acesso em: 05 de Julho de 2015.

ATAÍDE, M. A. de. A Mulher Negra no Mercado de Trabalho. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X**. Disponível em: <[https:// http://www.fazendogenero.ufsc.br/](https://http://www.fazendogenero.ufsc.br/)> Acesso em 21 de Junho de 2015.

BRUSCHINI, Cristina; PUPPIN, AB. **Trabalho das Mulheres Executivas no Brasil no final do Século XX**. Fundação Carlos Chagas, Cad. Pesq. v. 34, n.121, p. 105-138, jan./abr. 2004.

BRUSCHINI, Cristina; RICOLDI, AM. **Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda**. Fundação Carlos Chagas, Cad. Pesq. v. 39, n. 136, p. 93-123, jan./abr. 2009.

BANDITER, Elisabeth. **Um amor conquistado** – o mito do amor materno. Editora Nova Fronteira, 1985. 11.

CARRARA, S. Educação, Diferença, Diversidade e Desigualdade. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009 – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

CARVALHO, D. J. A Conquista da Cidadania Feminina. **Revista multidisciplinar da Uniesp. Saber Acadêmico** - n<sup>o</sup> 11 - Jun. 2011/ ISSN 1980-5950. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista11/pdf/artigos/12.pdf>> Acesso em: 05 de Julho de 2015.

COVOLAN, Nadia T. OLIVEIRA, Daniel C. (orgs) FERREIRA, Márcia R. et al. **Educação e diversidade: a questão de gênero e suas múltiplas expressões**. Rio de Janeiro: Ed Autografia, 2015.

FALÚ, A. Avanços e Desafios. **O Progresso das Mulheres no Brasil**. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), Brasília, 2006. Cap. 1. P. 7-9. Disponível em: < <http://www.mpsp.mp.br/portal/> > Acesso em: 19 de Julho de 2015.

HIRATA, Helen; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

MELO, Alessandro de. PIRES, Ariel J. GUIMARÃES, Rafael S. et al. **Práticas pedagógicas para a diversidade e cidadania**. Guarapuava: Ed da Unicentro, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <<http://www.faed.udesc.br/>> Acesso em: 21 de Janeiro de 2016.

NAZZARI, Rosana K. **Socialização política e construção da cidadania no Paraná.** Cascavel: Edunioeste , 2002. Coleção Thésis.

RODRIGUES, Valeria L. **A importância da mulher.** [2006?] Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>> Acesso em: 27 de setembro de 2015.

SANTOS, R. C.; SACRAMENTO, S. M. P. do. O Antes, O Depois e as Principais Conquistas Femininas. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.** Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/> > Acesso em: 05 de Julho de 2015.

SIGNORELLI, Marcos C. MELO, Tainá R. (org.) **Diversidade, inclusão e saúde: perspectivas interdisciplinares de ação.** Rio de Janeiro: Ed Autografia, 2015.